contra a sua própria origem social, romper, por um trabalho sobre si, sociológico e auto-analítico, o difícil caminho em que se efectiva o regresso do recalcado».

Posta em realce esta notável marca de qualidade epistemológica, mais uma palavra para o rigoroso esquema de observação etnográfica subjacente à descrição da primeira parte da obra. E se esse rigor é de referir é porque a perfeição, a facilidade do discurso, que põem diante do leitor totalidades vividas de elementos bem integrados, fazem correr o risco de o aperceber apenas como resultado de mera observação espontânea.

Maria Eduarda Cruzeiro

KARPIK, Lucien — «Les politiques et les logiques d'action de la grande entreprise industrielle», *Sociologie du Travail,* n.º 1 de 1972, Janeiro-Março de 1972, pp. 82-105.

As economias nacionais dependem cada vez mais da economia internacional: esta não deve ser considerada como um conjunto de espaços económicos coesos, independentes e auto-determinados, mas sim como um sistema de relações diversificadas, que abrangem formas variadas de interpenetração, dominação, dependência, diferenciação, etc.

Como diz Celso Furtado, «o novo sistema económico internacional é muito menos um fenómeno de comércio internacional que de *contrôle* de decisões económicas numa área multinacional».

A pesquisa de determinadas questões implica, por outro lado, que a análise deve ultrapassar o nível das empresas e das firmas para abranger também o dos ramos e dos sectores.

A sociologia e a economia política têm reorganizado o seu campo de conhecimentos, a partir das transformações verificadas nos anos 60: aumento do interesse pelos fins das organizações, dúvida crescente sobre a legitimidade dos mecanismos do mercado, invalidade de análises que se circunscreviam aos grupos específicos (organizações, profissões) e excluíam a consideração da sociedade global, nas suas determinações culturais, políticas e económicas, crítica dos efeitos de dominação das grandes firmas, agravamento de problemas não resolúveis pelos meios tradicionais.

O presente trabalho insere-se no âmbito das referidas modificações dos campos do saber.

O seu autor, professor no Centro de Sociologia da Inovação da École des Mines, começa por apresentar um esquema de análise das *políticas das grandes empresas industriais,* para examinar ulteriormente as determinações específicas das estratégias das firmas.

As políticas das grandes empresas oligopolísticas representam um objecto de estudo relevante para a Sociologia, desde que se admita que estão submetidas à influência das *relações de poder.* A interpenetração das políticas da empresa e das características dos sistemas globais justifica que a análise procure ter em conta os fins da actividade colectiva no capitalismo tecnológico, quando estuda as relações sociais e o sistema organizacional.

L. Karpik distingue a política, os fins, os objectivos e as decisões e define seguidamente, de uma forma teórica, o conceito de *lógica de acção* (L. A.).

Este concento é operacionalizado em duas categorias: as *L. A. colectivas* e as *L. A. distributivas.*

As primeiras permitem qualificar os objectivos *económicos* e os diversos sectores de actividade da empresa: a fabricação, a venda, o financiamento, a investigação. Podem ser *adaptativas,* de *prestígio, técnicas,* de *produção,* de *rendabilidade,* de *poder, inovadoras,* não sendo exaustiva esta exemplificação das principais categorias, definidas mediante a utilização de determinados *indicadores.*

As L. A. *distributivas* qualificam os objectivos *sociais* e o sistema de retribuições concedidos aos membros da empresa: podem ser *liberais, burocráticas* e de *contrôle.*

Nas L. A. *liberais,* a empresa, a indústria e a economia são consideradas como mercados, nos quais os diversos grupos se defrontam e utilizam os respectivos recursos de influência para maximizar as suas vantagens específicas.

Nas L. A. *burocráticas,* a repar-indústria e a economia são consideradas como mercados, nos quais os diversos grupos se defrontam e utilizam os respectivos recursos de influência para maximizar as suas vantagens específicas.

Nas L. A. *burocráticas,* a repartição das retribuições faz-se segundo

regras que limitam o arbítrio dos grupos de interesses e do governo de empresa. Neste caso, a carreira é determinada por critérios objectivos de avaliação: antiguidade, diplomas, etc.

Nas L. A. de *contrôle,* relacionam-se, em nome de certos valores (a ciência, a racionalidade, a competência, etc.) os fins da empresa e os modos de retribuição, designadamente mediante a participação na definição dos critérios e no *contrôle* das decisões de distribuição: rendimento, carreira, etc.

A análise prossegue com a relacionação das L. A. colectivas, das L. A. distributivas e dos objectivos administrativos.

Na segunda parte do trabalho, estudam-se as *estratégias das grandes empresas tecnológicas,* mediante o recurso à análise de determinadas variáveis: sistema económico, posição relativa na hierarquia do poder industrial, margem de autonomia da empresa, concepções dos indivíduos e dos grupos, posições na divisão do trabalho, tipos de tecnologia, estruturas das organizações, relações de influência, objectivos específicos dos grupos, mecanismos de regulação das relações entre centros do poder, relações de força, resultados da empresa, etc.

No tocante ao sistema económico, o autor estuda, em particular, as características do «capitalismo tecnológico»: contrôle da ciência, política financeira, sistema de preços, coalisões, relação com o poder político, inovação técnica, diversificação dos produtos no mercado, estratégia das grandes empresas.

Do sistema de condicionamentos globais e das lógicas de acção escolhidas decorrem determinadas formas empíricas de actuação, no respeitante às estratégias comercial, de fabrico, financeira, de investigação e de relações entre empresas diferentes.

As conclusões apontam para a necessidade de considerar a política de empresa como o produto complexo das combinações relações económicas-relações sociais, tais com se manifestam nos diversos níveis das instituições económicas: grupo organizacional, sociedade, grupo industrial, indústrias e sistema económico.

O presente trabalho remete, em diversos pontos, para o relatório mais desenvolvido da investigação orientada pelo autor: Karpik, Callon, Chauveau, Vignolle, *Les politiques des grandes entreprises industrielles de pointe,* Projet de recherche et schéma d'analyse, Centre de Sociologie de l'Innovation (École des Mines) et Direction Générale de Recherche Scientifique et Technique, 1969, policopiado, 300 pp.

Trata-se de uma análise extraordinariamente importante, tanto mais que a economia política atravessa uma crise resultante da inadequação dos instrumentos tradicionais da teoria clássica e neo-clássica para explicar o sistema de determinações específicas e o poder da empresa, que não é redutível às meras forças de mercado, e a sociologia das organizações se tem mantido etnocentricamente interessada no funcionamento interno de grupos específicos, deixando de lado, quase sempre, questões fundamentais: a grande sociedade do capitalismo mais moderno, a relação entre a estratégia da empresa e o processo de divisão do trabalho, a influência dos sistemas de recolha e tratamento da informação, a tentativa das classes dirigentes para controlar o conhecimento científico e os seus usos sociais, a concentração do poder, a articulação com as estruturas institucionais, as relações sociais (nos seus diferentes níveis) e os sistemas de acção histórica, etc.

Impõe-se, consequentemente, a construção de um novo e relevante *objecto de análise.*

Marinús Pires de Lima

«*O operariado e a concentração industrial na zona de Lisboa* (separata de *Económica Lusitânia,* revista dos estudantes do Instituto Superior de Economia), Lisboa, 1974.

A análise de situações concretas, referentes à formação social portuguesa, que parta de premissas teóricas achadas válidas e que se empenhe no enquadramento elaborado de agregados empíricos pré-existentes, é trabalho, dentro de certos limites, possível e, nessa medida, indispensável. Com efeito, se é bem apertada a organização do insuficiente material empírico à mercê daqueles que ensaiam análises sobre a realidade portuguesa, todavia vislumbra-se, nalguns casos, a brecha que uma pertinente utensilagem teó-